



24 HORAS PARA
O SENHOR

25-26 DE MARÇO DE 2022

POR MEIO DE CRISTO
TEMOS O PERDÃO

(COL 1,13-14)

**ADORAÇÃO
EUCARÍSTICA**

Esquema de Adoração Eucarística

Este texto é uma proposta que deve e pode ser adaptado para cada realidade onde será realizada: cantos, orações, tempos em silêncio etc.

Na realização da Vigília, cumpram-se todas as normas (protocolos) epidemiológico-sanitárias em vigor.

Tendo em conta a duração da Vigília, o número de participantes, as possibilidades de organização e outros fatores, a animação da Adoração Eucarística poderia ser feita por turnos,

Durante a celebração da Vigília não deverão faltar momentos de oração silenciosa diante do Santíssimo Sacramento.

ESCALA DE UM TURNO

Depois da exposição do Santíssimo Sacramento, a que se segue um momento de silêncio, o coro propõe um cântico. Segue-se a leitura do texto bíblico:

Escutai, irmãos e irmãs, as palavras do Senhor no Evangelho segundo São Mateus

Naquele tempo, Pedro aproximou-se de Jesus e perguntou-Lhe:

«Se meu irmão me ofender, quantas vezes deverei perdoar-lhe? Até sete vezes?». Jesus respondeu:

«Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete.

Na verdade, o reino de Deus pode comparar-se a um rei que quis ajustar contas com os seus servos.

Logo de começo, apresentaram-lhe um homem que devia dez mil talentos. Não tendo com que pagar, o senhor mandou que fosse vendido, com a mulher, os filhos e tudo quanto possuía, para assim pagar a dívida. Então o servo prostrou-se a seus pés, dizendo: 'Senhor, concede-me um prazo e tudo te pagarei'. Cheio de compaixão, o senhor daquele servo deu-lhe a liberdade e perdoou-lhe a dívida.

Ao sair, o servo encontrou um dos seus companheiros que lhe devia cem denários. Segurando-o, começou a apertar-lhe o pescoço, dizendo: 'Paga o que me deves'. Então o companheiro caiu a seus pés e suplicou-lhe, dizendo: 'Concede-me um prazo e pagar-te-ei'. Ele, porém, não consentiu e mandou-o prender, até que pagasse tudo quanto devia.

Testemunhas desta cena, os seus companheiros ficaram muito tristes e foram contar ao senhor tudo o que havia sucedido. Então, o senhor mandou-o chamar e disse: 'Servo mau, perdoei-te tudo o que me devias, porque me pediste. Não devias, também tu, compadecer-te do teu companheiro, como eu tive compaixão de ti?'. E o senhor, indignado, entregou-o aos verdugos, até que pagasse tudo o que lhe devia. Assim procederá convosco meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar a seu irmão de todo o coração».

Fica-se em silêncio.

Discurso 83, Santo Agostinho

O Senhor contou esta parábola para nos instruir e, com esta advertência, quis que nós nos salvássemos. Assim – diz Ele – procederá convosco o vosso Pai que está no céu, se cada um de vós não perdoar de coração ao seu irmão. Irmãos, fica claro que esta admoestação é útil e que é preciso obedecer-lhe, com grande vantagem para a salvação, colocando em prática o que nos é mandado.

Uma vez que cada homem não está em dívida apenas com Deus, mas também está em dívida com o seu irmão. Efetivamente haverá alguém que não esteja em dívida com Deus, a não ser Aquele em Quem não se pode encontrar pecado algum? Além disso, haverá alguém que não tenha o seu irmão em dívida consigo mesmo, a não ser aquele contra quem não cometeu culpa alguma? Será possível encontrar, entre o gênero humano, alguém que não seja culpado de alguma má ação para com o seu irmão?

Então todo o homem está em dívida, mas, por sua vez, há também alguém que está em dívida com ele. É por isso que Deus justo te estabeleceu uma norma em relação a quem te deve, da mesma forma que ele se comportará com quem lhe deve a ele. Uma vez que há duas obras de misericórdia que nos libertam e que são enunciadas brevemente pelo próprio Senhor no Evangelho: “Perdoai [as dívidas] aos outros e também a vós serão perdoadas”; “Dai e dar-se-vos-á”. “Perdoai [as dívidas] e também a vós serão perdoadas” refere-se ao perdão. “Dai e dar-se-vos-á” refere-se às obras de beneficência. Quanto ao preceito de perdoar, também tu queres que te sejam perdoadas as culpas que cometes e tens alguém a quem podes perdoar. Por outro lado, em relação às obras de beneficência, se há um mendigo que te pede esmola, afinal também tu és um

mendigo de Deus. Com efeito, quando rezamos, todos somos mendigos de Deus; estamos diante da porta de casa do grande pai de família, ou melhor, prostramo-nos com a cabeça por terra, gememos em súplicas, desejosos de receber algo; e este algo é o próprio Deus! Que te pede um mendigo? Pão. E tu que pedes a Deus senão Cristo que diz: Eu sou o pão vivo descido do céu? Quereis ser perdoados? Perdoai. Perdoai e sereis perdoados. Quereis receber? Dai e ser-vos-á dado.

Depois do testemunho/meditação, canta-se um cântico e permanece-se em oração silenciosa.

Fica-se em silêncio.

Pode-se cantar um canto de Adoração Eucarística.

ORAÇÃO A NOSSA SENHORA

De vós, Maria, fonte da vida,
se aproxima a minha alma sedenta.
A vós, tesouro de misericórdia,
acorre confiadamente a minha miséria.
Como sois próxima do Senhor!
Como viveis na sua intimidade!
Ele habita em vós e vós n'Ele.
Na vossa luz, posso contemplar
a luz de Jesus, sol de justiça.
Santa Mãe de Deus, eu confio
no vosso afeto cheio de ternura e de pureza.
Sede para mim mediadora da graça,
junto de Jesus, nosso Salvador.
Ele amou-vos mais que a todas as criaturas,
e revestiu-vos de glória e de beleza.
Vinde em meu auxílio, porque sou pobre,
e fazei-me beber da vossa ânfora
transbordante de graça.

(São Bernardo de Claraval)

Prossegue-se com um cântico e fica-se em oração silenciosa até ao fim do turno de oração.

Lectio Divina sobre 2Cor 5,17-21

(Segunda Leitura do IV Domingo de Quaresma)

Padre Omar Lopez García

1. Lectio (Que diz o texto?)

Numa Catequese dedicada a Orígenes de Alexandria, o Papa Bento XVI convidava-nos a seguir o método proposto por este eminente Padre da Igreja na sua “Carta a Gregório” para nos aproximarmos da Sagrada Escritura e para a compreendermos: «Dedica-te à lectio das divinas Escrituras; aplica-te a isto com perseverança. Compromete-te na lectio com intenção de acreditar e de agradar a Deus. Se durante a lectio te encontrares diante de uma porta fechada, bate e abrir-te-á aquele guardião, do qual Jesus disse: “O guardião abri-la-á”. Aplicando-te assim à lectio divina, procura com lealdade e confiança inabalável em Deus o sentido das Escrituras divinas, que nelas se encontra com grande amplitude (Carta a Gregório, 4)» (Audiência Geral, Praça de São Pedro, 2 de maio de 2007).

Statio: Preparação para a escuta

Deus fala sempre aos homens, mas, para O escutarmos, precisamos de abrir não só os ouvidos, mas sobretudo o coração. Peçamos ao Espírito Santo que disponha todo o nosso ser para acolher a Palavra divina:

Luz esplendente, Tu que iluminas as trevas do meu coração de maneira incompreensível, vem ao mais íntimo do meu ser e faz-me renascer com o fogo do teu amor.

Eu me abandono completamente a Ti, que do nada tudo criaste; guia-me com total liberdade e envolve-me no fogo do teu amor.

Fonte de vida, Tu que jorras do coração do Filho, no fim da minha existência, desperta-me do sono da morte para experimentar eternamente o fogo do teu amor.

Advogado celeste, Tu que conheces a minha verdade mais profunda, concede-me a sabedoria do alto para reconhecer os meus pecados e purificar-me deles com o fogo do teu amor.

Ó Mestre suavíssimo, Tu que formas a vontade, ensina-me a ser dócil às inspirações divinas para que, meditando a Palavra Divina, se acenda em mim o fogo do amor.

Amém.

Proclamatio: 2Cor 5, 17-21

«Irmãos: Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura. As coisas antigas passaram; tudo foi renovado. Tudo isto vem de Deus, que por Cristo nos reconciliou consigo e nos confiou o ministério da reconciliação. Na verdade, é Deus que em Cristo reconcilia o mundo consigo, não levando em conta as faltas dos homens e confiando-nos a palavra da reconciliação. Nós somos, portanto, embaixadores de Cristo; é Deus quem vos exorta por nosso intermédio. Nós vos pedimos em nome de Cristo: reconciliai-vos com Deus. A Cristo, que não conhecera o pecado, Deus identificou-O com o pecado por causa de nós, para que em Cristo nos tornemos justiça de Deus».

Leitura orante

É aconselhável reler o texto lentamente, prestando atenção a alguns pormenores para se aproximar do sentido primeiro da Escritura: o “sentido literal” de modo a «conhecer realmente o que está escrito» (Bento XVI, Audiência Geral, Praça de São Pedro, 25 de abril de 2007).

Este texto faz parte dos escritos paulinos redigidos entre 54 e 57 d.C., provavelmente na Macedónia, dirigidos à Igreja em Corinto, que nesse tempo enfrentava a ameaça da “divisão”, provocando grande sofrimento ao Apóstolo, o qual escreveu aos membros desta comunidade, pelo menos em duas ocasiões, «para conhecerdes o grande amor que vos tenho» (2Cor 2,4), convidando-os a manter a “comunhão”. Como? Através da “reconciliação”.

Agora, neste texto, com diferentes coloridos, sublinha algumas temáticas: primeiro, aquilo que pode ser considerado uma consequência “da pertença a Cristo”; em seguida, o que se refere à “reconciliação com Deus por meio de Cristo”; depois, o que se refere ao compromisso dos cristãos a favor da “reconciliação”; e, por fim, o “mandamento” do Apóstolo à comunidade.

Em seguida, para chegar a uma melhor compreensão do conceito de “reconciliação”, analisar alguns textos semelhantes entre as Cartas de São Paulo (por exemplo, Rm 5,1-11; Ef 2,13-18; Col 1,18-23), prestando atenção ao “tipo de reconciliação” a que se alude nessas passagens: quem são as pessoas envolvidas nela? quem toma a iniciativa? quais as suas consequências?

2. Meditatio (Que me diz o texto?)

Agora, somos convidados a aproximar-nos do segundo sentido da Escritura, o “sentido moral” com o objetivo de descobrir «o que devemos fazer vivendo a palavra» (Bento XVI, Audiência Geral, Praça de São Pedro, 25 de abril de 2007).

Este texto assenta no querigma, aquele anúncio que é preciso escutar várias vezes, porque enche de alegria o coração humano e confere à existência um sentido novo: Deus amou-nos em Cristo sem o merecermos e, em consequência disso, somos chamados a corresponder a esse amor que sempre nos precede e sustenta (cf. Francisco, Mensagem para a Quaresma 2020, 7 de outubro de 2019, n.2).

No entanto, nem sempre correspondemos a este amor. Prova disso são as inúmeras ações que, infelizmente, geram divisões e conflitos tanto dentro da sociedade como da Igreja. Elas são consequência de um abuso no exercício da liberdade ou de uma excessiva procura dos próprios interesses em detrimento do bem comum (cf. Gn 3,1-13; 4,3-10; Ex 32,1-10; 2Rs 11,2-17; Dn 5,1-30).

Apesar da nossa falta de fidelidade e de amor a Deus e de uma desmesurada confiança nas capacidades e recursos de que dispomos, Ele não cessa de Se mostrar misericordioso e disposto a perdoar porque «Ele sabe de que somos formados e não Se esquece que somos pó da terra» (Sl 103,14), sabe que somos frágeis. Basta pensar na maneira como procedeu com Caim, David, Salomão ou mesmo com o povo de Israel, a quem absolveu dos seus pecados, levado apenas pela magnanimidade do seu amor, porque «não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos castigou segundo as nossas culpas» (Sl 103,10).

Jesus exprime esta verdade de forma extraordinária na parábola do Pai misericordioso (Lc 15,1-3.11-32). Aí revela-nos que Deus é aquele “Pai” que espera o regresso do “filho mais novo” e que, quando isso aconteceu, cheio de compaixão, «correu a lançar-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos» (Lc 15, 20). Não há repreensões, mas compreensão, porque «como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor Se compadece dos que O temem» (Sl 103,13). Apesar da atitude do pai, o “filho mais velho” assume o papel de juiz e atira à cara do pai o seu comportamento diante das culpas do “irmão mais novo”.

Como afirma São Paulo em 2Cor 5,17, Cristo, a Quem pertencemos pelo batismo, transformou-nos, pela ação do Espírito Santo, em «novas criaturas», ou seja, em “seus irmãos” e “filhos de Deus” seu Pai. Isto deu origem a uma “nova relação” dos crentes com Deus (com cada uma das Pessoas da Trindade) e entre nós mesmos. E, bem diferente das repreensões do “filho mais velho” da parábola, Jesus intervém de forma favorável: «morreu por todos» (2Cor 5,15) para reconciliar toda a humanidade com Deus – seu e nosso Pai – «não levando em conta as faltas dos homens» (2Cor 5,19).

Esta ação tem uma dupla consequência. Por um lado, foi confiado à Igreja o «ministério da reconciliação» (2Cor 5,18), que está exerce através dos presbíteros, que receberam «o dom do Espírito Santo para o perdão dos pecados» e são chamados a «acolher os fiéis como o pai na parábola do filho pródigo», sem fazer «perguntas impertinentes», sendo «sempre e por todo o lado, em cada situação e apesar de tudo, o sinal do primado da misericórdia» (Misericordiae Vultus, 17). Por outro lado, a comunidade cristã tem a missão de proclamar «a palavra da reconciliação» (2Cor 5,19) porque «o perdão das ofensas torna-se a expressão mais evidente do amor misericordioso e, para nós cristãos, é um imperativo de que não podemos prescindir. Muitas vezes, como parece difícil perdoar! E, no entanto, o perdão é o instrumento colocado nas nossas frágeis mãos para alcançar a serenidade do coração. Deixar de lado o ressentimento, a raiva, a violência e a vingança são condições necessárias para se viver feliz» (Misericordiae Vultus, 9).

Por isso, deixemo-nos interpelar pelo Apóstolo nesta Quaresma e «em nome de Cristo, deixemo-nos reconciliar com Deus» (cf. 2Cor 5,20).

3. Oratio et contemplatio (Que é que o texto me sugere para dizer ao Senhor?)

Neste momento deixemos que seja o Espírito Santo a conduzir-nos ao terceiro sentido da Escritura: o “sentido espiritual”, que «nos faz compreender o conteúdo cristológico» da Palavra divina, bem como «o sentido dos mistérios, do qual se alimentam as almas dos santos na vida presente e na futura» (Bento XVI, Audiência Geral, Praça de São Pedro, 25 de abril de 2007).

É assim que o Apóstolo contempla a ação de Deus: «A Cristo, que não conhecera o pecado, Deus identificou-O com o pecado por causa de nós, para que em Cristo nos tornemos justiça de Deus» (2 Cor 5, 21). É um modo de

proceder, ao mesmo tempo, desconcertante e dramático. Deus não segue a lógica humana, mas «em Jesus Cristo, o próprio Deus vai atrás da humanidade sofredora e transviada. Quando Jesus fala, nas suas parábolas, do pastor que vai atrás da ovelha perdida, da mulher que procura a dracma, do pai que sai ao encontro do filho pródigo e o abraça, não se trata apenas de palavras, mas constituem a explicação do seu próprio ser e agir. Na sua morte de cruz, cumpre-se aquele virar-se de Deus contra Si próprio, com o qual Ele Se entrega para levantar o homem e salvá-lo – o amor na sua forma mais radical» (Bento XVI, Deus caritas est, 12).

Como correspondemos a este amor? Reconhecendo a nossa fragilidade mas, sobretudo, o amor misericordioso de Deus, que se manifestou em Jesus Cristo, seu Filho, que morreu na cruz para nos obter o perdão dos pecados. Da profundidade do nosso coração, dirijamos a Deus com as palavras do Salmo 51:

Compadecei-Vos de mim, ó Deus, pela vossa bondade, pela vossa grande misericórdia, apagai os meus pecados. Lavai-me de toda a iniquidade e purificai-me de todas as faltas. Porque eu reconheço os meus pecados e tenho sempre diante de mim as minhas culpas. Pequei contra Vós, só contra Vós, e fiz o mal diante dos vossos olhos. Assim é justa a vossa sentença e reto o vosso julgamento. Porque eu nasci na culpa e minha mãe concebeu-me em pecado.

Amais a sinceridade de coração e fazeis-me conhecer a sabedoria no íntimo da alma.

Aspergi-me com o hissopo e ficarei puro, lavai-me e ficarei mais branco do que a neve. Fazei-me ouvir uma palavra de gozo e de alegria e estremeçam meus ossos que triturastes. Desviai o vosso rosto das minhas faltas e purificai-me de todos os meus pecados.

Criai em mim, ó Deus, um coração puro e fazei nascer dentro de mim um espírito firme. Não queirais repelir-me da vossa presença e não retireis de mim o vosso espírito de santidade. Dai-me de novo a alegria da vossa salvação e sustentai-me com espírito generoso. Ensinarei aos pecadores os vossos caminhos e os transviados hão de voltar para Vós.

Ó Deus, meu Salvador, livrai-me do sangue derramado, e a minha língua proclamará a vossa justiça. Abri, Senhor, os meus lábios, e a minha boca anunciará o vosso louvor. Não é do sacrifício que Vos agradais, e, se eu oferecer

um holocausto, não o aceitareis. Sacrifício agradável a Deus é o espírito arrependido; não desprezareis, Senhor, um espírito humilhado e contrito.

Em silêncio deixemos que as expressões do salmista continuem a ressoar dentro de nós de modo que os nossos lábios exultem, louvando sem fim a Deus nosso Salvador.

4. Deliberatio et actio (Em que me compromete o texto?)

A iniciativa “24 horas para o Senhor” é um tempo de graça que a Igreja nos oferece para fazer de novo a experiência do amor misericordioso de Deus através do Sacramento da Reconciliação, de modo particular quando estamos conscientes de ter rompido a comunhão com Deus e com os nossos irmãos devido ao pecado.

Fazendo eco da exortação do Apóstolo: «Nós vos pedimos em nome de Cristo: deixai-vos reconciliar com Deus» (2Cor 5,20), aproveita a ocasião para te confessares. Segue o conselho do Papa Francisco: «Olha os braços abertos de Cristo crucificado, deixa-te salvar uma e outra vez. E quando te aproximares para confessar os teus pecados, crê firmemente na sua misericórdia, que te liberta da culpa. Contempla o seu sangue derramado com tanto carinho e deixa-te purificar por ele.

Assim poderás renascer, uma e outra vez» (Christus vivit, 123).



FALA COM SABEDORIA, ENSINA COM AMOR

(Cf. Pr 31,26)



10 DE ABRIL DE 2022
Coleta Nacional da Solidariedade
Domingo de Ramos

